



Verdade em colapso:

Desafios da (des)credibilidade científica na era das plataformas¹

Andressa GARCEZ ²

Marco SCHNEIDER³

Resumo Expandido

Esta pesquisa investiga como o avanço da plataformização impacta a credibilidade científica, especialmente durante a pandemia da Covid-19. O processo de disseminação massiva de informações e desinformações revela uma reconfiguração das dinâmicas de produção, circulação e validação do conhecimento científico no ambiente digital. Portanto, objetiva-se avaliar de que maneira o avanço da plataformização reorganiza a produção, circulação e validação do conhecimento científico, analisando como esse processo afeta a autoridade epistêmica e contribui para a crise de confiança nas instituições, principalmente do que se refere à lógica algorítmica que define visibilidade, alcance e influência nas plataformas.

Como questionamento central, tensionam-se a plataformização e a lógica algorítmica das redes sociais como impactantes junto à credibilidade científica e favorecedoras à ascensão de pseudoautoridades, bem como a disseminação de desinformação, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19. Como ponto de partida, utiliza-se uma análise do movimento Médicos Pela Vida (MPV), que se destacou por promover tratamentos sem comprovação científica e desestimular medidas sanitárias recomendadas internacionalmente, a exemplo do uso de

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático Instrumentalização política da desinformação e crise dos pontos de vista centrais do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF, email: agarcez@id.uff.br.

³ Professor orientador do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF e pesquisador do Ibict, email: marco_feldman@id.uff.br.



máscaras e vacinação. Composto por profissionais da saúde, tornou-se emblemático no Brasil, sobretudo ao ser condenado pelo Ministério Público Federal a pagar R\$ 55 milhões por danos à saúde pública e por veicular conteúdos enganosos sobre tratamento precoce (Ministério Público Federal, 2023). A atuação do MPV não se deu de forma isolada, mas foi sustentada por uma rede de apoio político, midiático e por conselhos profissionais como o Conselho Federal de Medicina, que se alinhou a discursos negacionistas e a uma guinada ideológica à direita (Gurgel; Ferrari, 2021; Felizardo, 2024). Tais episódios evidenciam como a autoridade científica passa a ser contestada, corroída ou instrumentalizada dentro de narrativas que priorizam o individualismo e a deslegitimação do saber técnico.

A tensão em questão não é episódica, mas estruturante da contemporaneidade. Oliveira (2020) destaca que a ciência, anteriormente alçada a um status quase religioso, ancorado no positivismo como única fonte de verdade legítima, agora se vê colocada sob suspeita. Com a crise da verdade científica, segundo Signates (2012), dois eixos são manifestados: a percepção pós-moderna de que todo conhecimento é uma construção situada na compreensão de que a crise social da ciência decorre do fato de que a própria instituição científica, muitas vezes, atende mais aos interesses da modernidade capitalista do que ao bem coletivo.

Esse cenário é potencializado pela transição de modelos tradicionais de mediação da informação para o ecossistema digital, a exemplo do jornalismo científico. Nas redes, a circulação do saber não é mais organizada pela curadoria editorial, mas sim por algoritmos que priorizam engajamento, emoção e afinidade ideológica. Segundo Poell e pesquisadores (2020), a plataformação não se resume a uma transformação técnica; trata-se de um fenômeno que reorganiza práticas culturais, econômicas e políticas, moldando a infraestrutura de dados e redefinindo os critérios do que circula, do que se valida e de quem é autorizado a falar.

Em face desta realidade, seria correto afirmar que as plataformas não operam como espaços neutros. Gillespie (2010) destaca que suas políticas, termos de uso e, principalmente, seus algoritmos constituem verdadeiros regimes de controle da informação. Nas palavras de



Rêgo (2025), a pandemia de Covid-19 acentuou esse fenômeno ao transformar as plataformas em “fábricas de desinformação”, ao mesmo tempo em que ampliava o poder de influenciadores e pseudoespecialistas sobre temas científicos. Esse quadro também ilustra como a desinformação não é um subproduto accidental das redes, mas um elemento estrutural de seus modelos de negócios, sustentados pela vigilância de dados e pela monetização do engajamento, mesmo quando este é produzido por conteúdos falsos ou manipuladores. Discutir a vigilância é, portanto, discutir o *core business* das plataformas digitais, que não se vê presente apenas na garimpagem de dados em nossos dispositivos para a entrega de conteúdo compatível, porém interfere psicologicamente nas nossas sociabilidades, afetividades, escolhas e pertencimento a grupos de mesmas perspectivas intelectuais (Abramovay, 2019). Desta abordagem, nasceria a rejeição cognitiva ao “outro” e o fomento ao ódio, medo e demais discursos nocivos.

Mais além e de acordo com Sacramento e pesquisadoras (2025), há uma tendência neoliberal de celebrar a autorregulação, o interesse próprio em detrimento da cooperação mútua em sociedade. Praticar o hiperindividualismo seria render-se a uma completa oposição da empatia pelo outro, o que torna a biopolítica uma ferramenta de regulação moral. Tudo o que está fora do campo da norma estabelecida é considerado inaceitável, registrando a gestão de si e da própria saúde como um dever individual de controle dos riscos por meio das escolhas de vida. É um processo que se relaciona ao que autores denominam de racionalidade cismática, caracterizada por certezas rígidas e resistentes a evidências. (Mota, 2018; Mota e Kant de Lima, 2022). Pela lógica do conceito, produziriam-se certezas impenetráveis que, na busca por suas reafirmações e o enrijecimento da dissonância cognitiva (Correa, 2022), o indivíduo viria a nutrir-se de conteúdos algoritmizados para permanecer em um ciclo de consumo intenso de figuras pseudocredibilizadas.

Desta forma, a autoridade epistêmica, tradicionalmente conferida a instituições como universidades, órgãos de pesquisa e organismos internacionais, passa a ser desafiada por atores que acumulam capital simbólico pela performance digital, não pela expertise técnica. Como



alerta Rieh (2010), a autoridade cognitiva perde a dependência direta da formação acadêmica, pois passa a ser construída performaticamente no ambiente digital. Isso explicaria a atuação de indivíduos como o neurocirurgião Paulo Porto de Melo, participante do MPV, tornando-se referência para o público digital e cobrando até R\$ 2.100 em consultas virtuais para aconselhamento sobre vacinas, ao utilizar argumentos pseudocientíficos como a defesa da “imunidade natural” (Silva, 2022). Práticas como essas são ancoradas em uma lógica neoliberal, já presentes na política sanitária de líderes como Jair Bolsonaro, que instrumentalizou seu perfil no Twitter para disseminar desinformação, atacar o isolamento social, defender tratamentos ineficazes e promover a não obrigatoriedade da vacinação, em nome de uma suposta defesa da liberdade individual (Monari et al., 2021).

Diante de um cenário altamente permissivo, a desinformação torna-se não apenas viável, mas altamente rentável. Schneider (2022) observa que as plataformas, ao oferecerem a possibilidade de circulação de informação a custos relativamente baixos em comparação com a radiodifusão convencional, ampla escala de distribuição e um ambiente juridicamente escasso, criam as condições perfeitas para a circulação de conteúdos falsos, um fenômeno que denomina como Desinformação Digital em Rede. A crítica é intensificada quando se percebe que a lógica de mercado aplicada à ciência não se restringe ao ambiente externo. O próprio campo acadêmico passa a ser capturado por essa racionalidade, com acesso a dados, revistas e conteúdos restritos, enquanto as plataformas adotam modelos premium para informações que antes eram públicas, o que Oliveira (2024) denomina como “inverno de dados digitais”. A exemplo disso, grandes corporações reduziram a transparência e dificultaram a checagem de fatos e o acesso a dados científicos (Sophia, 2025). Trata-se de uma estratégia que, como bem aponta Rêgo (2025), não visa a democratização do conhecimento, mas a consolidação de estruturas que acentuam desigualdades epistêmicas, econômicas e políticas.

Embora as crises de credibilidade não sejam fenômenos inéditos, visto que a ciência já conviveu com fraudes históricas, a escala e a velocidade com que essas crises se reproduzem no



ambiente digital são inéditas e profundamente preocupantes. Semelhante à Oliveira, Rêgo entende a presença da desinformação nas plataformas como um “produto com grande potência mercadológica” e entende que a informação deturpada alcança até pessoas mais simples e em escala global, como na África, na Índia ou nos Estados Unidos (Rêgo, 2025, p. 126-127). Por outro lado, é necessário reconhecer que nem toda crítica à ciência é ilegítima. Schneider (2022) diferencia uma desconfiança bem informada, metodologicamente orientada e essencial para o avanço do conhecimento, do negacionismo em si, que rejeita evidências robustas em favor de narrativas conspiratórias ou interesses políticos e econômicos.

Metodologia

Este trabalho adota como abordagem metodológica um levantamento bibliográfico de caráter exploratório. Para isso, foram selecionados textos acadêmicos e jornalísticos que tratam da relação entre desinformação, credibilidade científica e plataformização. A escolha das referências seguiu o critério de relevância temática e atualidade, priorizando publicações entre 2020 e 2025, período em que a pandemia da Covid-19 intensificou o debate sobre ciência e desinformação, especialmente no Brasil. O procedimento consistiu na leitura e análise crítica desses materiais, a fim de identificar como diferentes autores discutem os impactos da circulação de informações falsas e a crise de confiança nas instituições científicas.

Considerações Finais

A pesquisa considera que o enfrentamento do negacionismo científico e da crise de credibilidade exige uma abordagem multifacetada. No campo da regulação, é urgente que as plataformas digitais sejam responsabilizadas, com modelos que considerem a diversidade cultural e política dos contextos em que operam, como defendem Poell, Nieborg e Van Dijk (2020). Paralelamente, o fortalecimento de uma cultura de letramento informacional crítico é



indispensável. A adoção da Competência Crítica da Informação (CCI) (Bezerra; Schneider, 2022) surge como uma estratégia fundamental neste sentido, pois permite que indivíduos desenvolvam ferramentas cognitivas para avaliar a qualidade das informações que consomem. Além disso, a aplicação de técnicas como o *prebunking* (Cook; Lewandowski; Ecker, 2017), que consiste em expor previamente as estratégias de desinformação para neutralizar seus efeitos, deve ser incorporada de maneira estruturada nos sistemas educacionais e nos programas de alfabetização midiática. De tal modo, reflete-se acerca do negacionismo científico como uma tática amplificada pela arquitetura das plataformas. Não apenas um problema do campo informacional, mas uma ameaça concreta à saúde pública, ao funcionamento das democracias e à própria sustentabilidade do projeto civilizatório baseado na cooperação, na solidariedade e no conhecimento validado coletivamente.

Palavras-chave

Plataformização da ciência; capitalismo algorítmico; desinformação; crise epistêmica; negacionismo.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. A sociedade da vigilância em rede. **Revista Quatro cinco um**, 08 mar. 2019. Disponível em: <http://ricardoabramovay.com/sociedade-da-vigilancia-em-rede/>. Acesso em: 07 fev. 2025.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco. **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. 274 p.

COOK John; LEWANDOWSKY Stephan; ECKER, Ullrich K. H. Neutralizing misinformation through inoculation: Exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. **PLoS ONE**, Japão: Kyoto University, v. 12, n. 5, e0175799, mai. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0175799>. Acesso em: 7 set. 2022.

CORREA, Felipe. Autorreflexão, reflexão e ética: o papel da competência crítica em informação na defesa contra a desinformação. In: BEZERRA, Arthur; SCHNEIDER, Marco (Orgs.). **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 87-96.



FELIZARDO, Nayara. Ao menos nove médicos tornam a nova gestão do CFM mais conservadora e negacionista. **The Intercept Brasil**, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/08/12/nova-gestao-do-cfm-mais-conservadora-e-negacionista/>. Acesso em: 07 set. 2024.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of ‘platforms’. **New Media & Society**, Thousand Oaks, v. 12, n. 3, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2m61D3L>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GURGEL, Bia; FERRARI, Murillo. Leia a íntegra do relatório final da CPI da Pandemia. **CNN**, 20 out. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/leia-a-integra-do-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia>. Acesso em: 04 set. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Responsáveis por divulgação de publicidade em defesa do “tratamento precoce” contra covid são condenados a pagar R\$ 55 milhões por danos morais coletivos e à saúde. Porto Alegre: **MPF/RS**, 25 mai. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3B3XSm7>. Acesso em: 05 set. 2024.

MONARI, Ana Carolina Pontalti; ARAÚJO, Kizi Mendonça de; SOUZA, Mateus Ramos de; SACRAMENTO, Igor. Legitimando um populismo anticiência: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19 no Twitter. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5707>. Acesso em: 12 set. 2024.

MOTA, Fabio Reis. Do indivíduo blasé aos sujeitos cismados: reflexões antropológicas sobre as políticas de reconhecimento na contemporaneidade. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 44, pp. 124-148, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41959>. Acesso em: 16 set. 2024.

MOTA, Fabio Reis; KANT DE LIMA, Roberto. Pega na mentira: notas antropológicas sobre tempos inquietantes. **Reciis: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 16, n. 2, pp. 227-246, 2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3271>. Acesso em: 04 set. 2024.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - estudos midiáticos**, [S. l.], v. 22, p. 21-35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.03>. Acesso em: 01 set. 2024.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Desafios para a Soberania Epistêmica no contexto de Plataformização da ciência: Por métricas soberanas entre assimetrias globais e assimetrias informacionais. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 20, n. 01, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.vv20i1.7045>. Acesso em: 01 set. 2024.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**, [S. l.], v.



22, n. 01, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Acesso em: 31 mai. 2025.

RÊGO, Ana Regina. **A seta do tempo: plataformas, inteligência artificial e desinformação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2025. 212 p.

RIEH, Soo Young. Credibility and Cognitive Authority of Information. **Encyclopedia of Library and Information Sciences**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027.42/106416>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SACRAMENTO, Igor; FALCÃO, Hully; MONARI, Ana Carolina. **(Des)informação em saúde: na perspectiva das mediações**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2025. 200p.

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação: pós-verdade, fake news e outras armadilhas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022. 160 p.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24573>. Acesso em: 02 set. 2024.

SILVA, Victor. Médicos influenciadores cobram R\$ 500 por atestado antivacina. **The Intercept Brasil**, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/02/23/medicos-influenciadores-cobram-r-500-por-atestado-antivacina/>. Acesso em: 05 set. 2024.

SOPHIA, Deborah. Meta encerra checagem de fatos nos EUA e adota modelo similar ao X em suas redes. **CNN Brasil**, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/meta-encerra-checagem-de-fatos-nos-eua-e-adota-modelo-similar-ao-x-em-suas-redes/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

TOMAZ, Kleber; BITAR, Renata. Médico que defendeu uso da cloroquina no tratamento contra Covid representará SP como conselheiro no CFM. **G1**, São Paulo, 08 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/08/08/medico-que-defendeu-uso-da-cloroquina-no-tratamento-contracovid-representara-sp-na-diretoria-do-cfm.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2024.